

Conheci a Engenheira Maria de Lourdes Pintassilgo numa faceta provavelmente menos divulgada – como Conselheira no Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV) –, do qual fizemos ambas parte desde o 1.º mandato, ou seja, entre 1991 e 2001, e que nos proporcionaram estes «percurso na Bioética».

Apesar da sua intensa vida profissional, a Engenheira Maria de Lourdes era uma presença muito activa.

Vivemos momentos de alegria, com a finalização de um parecer difícil em que foi possível o consenso, e momentos únicos de grande angústia como naquela reunião plenária de 11 de Setembro de 2001.

A primeira grande lição que nos deu a todos naqueles plenários foi a da elegância e a diplomacia na busca de um equilíbrio de posições, sem nunca renunciar às suas convicções.

Partilhámos esse saudável diálogo que é também a linguagem que a bioética percorre: o diálogo multidisciplinar, a busca de posições consensuais sem prescindir dos princípios individuais, a tolerância, o pluralismo no debate das ideias.

Apesar dos prestigiosos cargos que ocupou e ocupava a Engenheira Maria de Lourdes foi sempre, para todos nós, uma «Conselheira» que se empenhou nas tarefas do CNECV, tendo dedicado muito do seu tempo na elaboração de um dos pareceres que mais se destacou como «doutrina» deste Conselho: em 1995 foi relatora do parecer sobre as «Questões Éticas na Distribuição dos Recursos para a Saúde» (14/CNECV/95) onde investiu a sua muita experiência e saber, numa abordagem sobre as questões éticas suscitadas pela complexidade desta matéria. «Tem havido duas estratégias diferentes: uma que procura satisfazer o maior número de indivíduos, só possível negando participações para tecnologias de ponta excepcionais e caras (mesmo que isto implique a morte daqueles que as não podem pagar); outra que mantém uma gama completa de serviços, por caros que sejam, mas que tem então de limitar o número dos que têm acesso à segurança social. Qual destas duas estratégias representa maior justiça social?», pode-se ler no relatório da sua autoria. Só a resposta a esta questão, conforme concluía, «não em abstracto, mas resultante da situação concreta de cada sociedade, permite fazer face, com plena responsabilidade ética, ao carácter dual (entre sociedade industrializada e sociedade de desenvolvimento médio ou baixo) relativo às condições de acesso aos cuidados de saúde na maior parte dos países». E enunciava os quatro eixos de valores éticos orientadores: a dignidade da pessoa

humana, a participação de cada pessoa nas decisões que lhe dizem respeito, a equidade e não discriminação, a solidariedade entre os membros de cada sociedade e entre as sociedades.

Aliás esta visão de uma sociedade global tão presente no pensamento de Maria de Lourdes Pintassilgo vem a coincidir com a evolução actual do próprio conceito de bioética e o papel que desempenha na sociedade global num sentido mais vasto da sobrevivência do futuro, a responsabilidade perante as gerações futuras, a defesa dos direitos humanos, a defesa da natureza.

Hoje retoma-se a ideia inicial de Van Potter sobre a «Bioética Global» como contribuição para o futuro da espécie humana, a de que «a humanidade necessita urgentemente de uma nova sabedoria que proporcione o conhecimento de como usar o conhecimento para a sobrevivência do ser humano e a melhoria da sua qualidade de vida». A bioética é a nova sabedoria que Van Potter propõe e que Francesc Abel retoma como «o estudo interdisciplinar orientado para a tomada de decisões éticas sobre os problemas colocados aos diferentes sistemas éticos pelos progressos médicos e biológicos, num âmbito microsocial e macrosocial, micro e macroeconómico e a sua repercussão na sociedade e no seu sistema de valores, tanto no presente como no futuro» ou como Daniel Callahan refere como se estendendo até ao direito e à política, à literatura, à história e à cultura em geral».

E é esta ideia de que o ser humano não pode ser mais um actor passivo tanto no debate bioético como social, mas sim participativo e interveniente que acompanha também Maria de Lourdes Pintassilgo na defesa da participação activa dos cidadãos nas decisões que lhes dizem respeito.

Tive o privilégio de, durante dez anos, me sentar entre duas pessoas infelizmente ambas desaparecidas – a Engenheira Maria de Lourdes e o Professor Falcão de Freitas. Ao olhar para as suas cadeiras vejo, de facto, que não estão vazias, eles estão ali, presentes, lançando palavras de estímulo para que continuemos o percurso da bioética prestando-lhes homenagem neste diálogo interdisciplinar entre a vida e os valores morais em busca da nossa própria sobrevivência.

Paula Martinho da Silva é Presidente do Conselho Nacional de Ética, da Presidência do Conselho de Ministros.